

UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE

FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS

Departamento de Arqueologia e Antropologia

Curso de Licenciatura em Antropologia

**Vivências da morte: uma reflexão em torno das representações e práticas entre
trabalhadores funerários na Cidade de Maputo**

Autor: Pilale Isequiel

Supervisor: Danúbio Afonso Walter Lihaha

Maputo, Maio de 2014

UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE
FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS
Departamento de Arqueologia e Antropologia
Curso de Licenciatura em Antropologia

Trabalho de fim do curso

**Vivências da morte: uma reflexão em torno das representações e práticas entre
trabalhadores funerários na Cidade de Maputo**

Maputo, Maio de 2014

**Vivências da morte: uma reflexão em torno das representações e práticas entre trabalhadores
funerários na Cidade de Maputo**

Autor

Pilale Isequiel

**Trabalho de conclusão do curso de Antropologia da Faculdade de Letras e Ciências Sociais da
Universidade Eduardo Mondlane**

O Oponente

Emídio Gune

O Presidente

Agostinho Manganhele

O Supervisor

Danúbio Lihaha

Maputo, Maio de 2014

Declaração de honra

Declaro por minha honra que este relatório de pesquisa nunca foi apresentado na sua essência para a obtenção de qualquer grau, e que o mesmo constitui o resultado da minha investigação pessoal, e estão indicadas no texto e na bibliografia as fontes utilizadas.

Pilale Isequiel

Dedicatória

Aos meus pais, Isequiel Chucha (In memoriam) e Mariamo Sultuane (minha eterna heroína) e a todos meus irmãos e sobrinhos (meu orgulho).

Agradecimentos

Em primeiro lugar agradeço à ALLAH (Louvado seja) o Senhor dos mundos, pela vida, saúde, protecção e inspiração ao longo desta longa batalha.

Agradeço à minha mãe, Mariamo Sultuane, que tudo deu para me ver instruído, e aos meus irmãos, Chucha Isequiel, Menina Isequiel, Malelia Assane, Ibraimo, Pedro Isequiel, Mariamo Mustafa, pela paciência durante estes anos longe de casa, pela confiança que depositaram em mim, pelo amor, carinho, força e todo o apoio ao longo desta formação (vocês foram a minha principal motivação).

Ao dr. Danúbio Lihaha, meu supervisor, pela orientação, atenção e paciência demonstrada na elaboração deste trabalho. Não só reconheço-o como quem tornou este trabalho possível, mas também como um exemplo de excelência. Estendo este agradecimento a todo o corpo docente do departamento de Arqueologia e Antropologia, em especial ao dr. Emídio Gune (simplesmente um excelente profissional) que não poupou esforço para transmitir o saber.

Ao meu cunhado Muzé Sataca, a minha tia Eliza Benjamim, pelo apoio moral e material. Aos meus colegas da geração Antropologia 2010, Gabriel Malipa (Mano Bwabo), Laércio Sulila, Ntikama Malapende, David Nhazilo, Inlambite Inaque, Alberto Thevede Jr., e todos que por questões de espaço não pude mencionar os nomes, pela amizade, irmandade, companheirismo e debates construtivos.

Aos meus colegas do quarto Abdula Rajabo, Mildo, Machabai, Araújo (Weezzy) Albano Fumo, Lourenço Ferro e Gerson David, pela convivência, camaradagem e partilhas.

Aos meus amigos Ibraimo Fumo, Friederike Bärhold, Malua Momade, Fahar Afai, Arão Rocha, Issufo Pintane, Eugénia Balança, Muzé Ibraimo, Julius Maganga, Fernando da Silva, Neves Agostinho e a todos outros que fazem parte do meu círculo de amizade.

Aos Senhores Banze e Ngomane por me terem permitido fazer estudos nas suas agências e indicado as pessoas-chave. Aos meus informantes, especialmente ao meu novo amigo Ângelo, pelos ensinamentos e a todos aqueles que directamente ou indirectamente acompanharam-me nesta luta, o meu,

Muito Obrigado!

Lista de Siglas e Abreviaturas

DAA	Departamento de Arqueologia e Antropologia
HCM	Hospital Central de Maputo
HIV	Virus de Imunodeficiência Humana (sigla em inglês)
SIDA	Síndrome de imunodeficiência Adquirida
TB	Tuberculose
UEM	Universidade Eduardo Mondlane
USTM	Universidade São Tomás de Moçambique

Resumo

O Estudo centra-se num grupo de trabalhadores funerários de sexo masculino, e explora emoções, sentimentos, discursos, experiências, comportamentos e formas como os sujeitos de estudo incorporam e vivenciam o fenómeno da morte e suas potenciais ameaças no dia-a-dia, e mecanismos accionados por estes actores para fazer frente à estas ameaças. O estudo é de carácter exploratório e foi desenvolvido através de uma revisão de literatura e trabalho de campo em Agências funerárias, Morgue do Hospital Central de Maputo e Cemitério de Lhanguene, na Cidade de Maputo

O tema da morte é discutido à luz de diversas perspectivas, e por uma questão de contextualização, trouxemos as três (3), consideradas principais, a biológica ou organicista, a Espiritualista e a Socio-antropológica. A primeira discute aspectos biofísicos da morte, a segunda se interessa por aspectos metafísicos e a terceira e última debruça-se por aspectos culturais e simbólicos da morte. Entretanto, este estudo basea-se nos pressupostos da última perspectiva por ser a mais adequada para compreender as práticas e as representações dos grupos nas suas relações com a morte e/ou mortos.

Um corpo de literatura (até então explorado) sugere que o contacto com morto transmite uma poluição perigosa, forte e contagiosa, cujo mecanismo defensivo é ritual de purificação ou limpeza ritual.

O estudo mostra que existem perigos identificados, reconhecidos e temidos por actores aqui estudados, no decurso das suas actividades funerárias. Porém, os dados aqui discutidos mostram que os indivíduos detêm de outros mecanismos defensivos para a incorporação, limitação e gestão desses perigos, tais como institucionalização do hábito e da coragem, o consumo de álcool e de leite, uso de máscaras, avental e luvas para tocar no cadáver, entre eles predominam as ideologias defensivas dos profissionais e as instituídas pelo discurso da biomedicina.

Palavras-chave: Morte, Trabalhadores funerários, Representação social, Contacto com mortos, Perigo.

Índice

CAPÍTULO I.....	1
1. Introdução.....	1
CAPÍTULO II	4
2. Revisão da Literatura	4
2.1 Enquadramento Teórico e Conceptual	8
CAPÍTULO III.....	10
3. Metodologia	10
3.1 Técnicas de recolha de dados.....	11
3.2 Procedimentos de sistematização e análise de dados.....	12
3.3 Critério de selecção de informantes da pesquisa	13
3.4 Desafios na recolha de informação	13
CAPÍTULO IV.....	15
4. Apresentação, discussão e análise de resultados.....	15
4.1 Lógicas estruturais e funcionais dos serviços funerários	15
4.2 Emoções e comportamentos dos trabalhadores funerários	21
4.3 “ <i>Kutulovela</i> ”: Um idioma que domestica o perigo	24
5. Considerações Finais.....	33
Referências Bibliográficas	36

CAPÍTULO I

1. Introdução

O presente estudo é exploratório do tipo qualitativo com carácter descritivo, no qual pretendemos analisar as formas de vivências, experiências, representações, emoções, incorporações da morte e os perigos associados ao contacto com mortos no contexto quotidiano de um grupo de trabalhadores funerários da Cidade de Maputo.

Ao longo da estadia na Cidade de Maputo, o pesquisador deparou-se com um fenómeno que o chamou atenção e despertou várias curiosidades, trata-se da existência de agências funerárias que prestam seus serviços em regime profissional, prática que não é “frequente” nos percursos anteriores do pesquisador, incluindo o seu contexto de origem.

Cientes de que trata-se de um fenómeno que hipoteticamente pode ser associado às mutações dos aspectos da vida social ao longo dos tempos. O que culminou com a Mercantilização, profissionalização, racionalização e mecanização de todos os aspectos da vida social nas sociedades actuais (Kim, 2012; De Witte, 2003; McFarland, 2006).

A nossa análise se centra em formas de representações e práticas diante de morte/morto entre um grupo de trabalhadores funerários em Maputo, com principal enfoque para os perigos e/ou ameaças associados ao fenómeno de contacto com mortos ou cadáveres. Para aproximarmo-nos desta meta, traçamos os seguintes objectivos específicos:

- ❖ Reflectir em torno das lógicas que estruturam o funcionamento da instituição com enfoque para as percepções dos trabalhadores funerários;
- ❖ Procurar captar as emoções, comportamentos dos trabalhadores funerários diante da morte ou do morto;
- ❖ Conhecer o perfil sociodemográfico dos trabalhadores funerários. E, compreender como estes vivem e incorporam a morte no seu quotidiano, tendo em conta as noções de poluição, perigo e impureza ligadas ao contacto com os mortos.

Partindo do pressuposto que existem três abordagens principais nas discussões, em torno da morte, a primeira é biológica ou organicista que discute as questões físicas da morte, e se interessa pela cessação das funções vitais do organismo ou paralisação da máquina corpo. Como tal é concebida como um

fracasso, Lima (s/d), apesar de reconhecer a morte como universal, é reducionista, na medida em que se centra apenas em aspectos bioquímicos da morte e do ser humano em geral, perdendo de vista as questões sociais. E, no concernente ao contacto com morto ou cadáver se insere nos valores da biomedicina, que explica esse acto como exposição às doenças, porém, não especifica os tipos de doenças.

A segunda é Espiritualista, que segundo Teixeira, (s/d); Giustiniani (1993), concebe a morte como um rito de passagem que assinala a transição de espaço terreno para o além. Sendo assim, sugere que o ser humano como um todo transcende a dimensão biológica, sustentando que existem outros mundos que por deficiências dos nossos sentidos não podemos sentir. Critica o reducionismo da perspectiva organicista, por reduzir o ser humano ao plano do biológico, esta corrente é limitada pelo facto de se basear em fé e dogmas, sendo que em algum momento dispensa qualquer racionalidade.

A terceira é Sócio-antropológica que discute a morte de forma holista, pois, sugere que a morte tem de ser vista como um fenómeno biossocial, isto é: instituição revestida de questões de ordem biológica e social ao mesmo tempo. E, ainda sustenta que deve ser estudado como um facto social porque é dos fenómenos que mais se reflectem na vida das pessoas. Em suma, é uma abordagem que se interessa em aspectos culturais e simbólicos da morte.

Assim entendido, a nossa análise cingir-se-á na perspectiva Sócio-antropológica, dentro da qual tivemos acesso à um corpo de literatura que sugere a ideia segundo a qual, a morte é uma poluição extremamente perigosa, forte e contagiosa, é uma instituição caracterizada pelo medo, um fenómeno nefasto, que é escondido em metáforas, é tabu, enfim é uma ameaça à ordem social, assim, o contacto com mortos ou cadáveres constitui uma fonte de perigo ao indivíduo e à todos membros do seu grupo, autores como Honwana (2002); Lihaha (2010); Kim (2012); Granjo (2007), defendem essa ideia nos seus estudos.

Os autores citados no parágrafo anterior, frisam ainda que estar em contacto com mortos, implica um acto impuro e perigoso, e leva à marginalização e desordem social. Entretanto, a restituição da ordem social e reintegração dos indivíduos contaminados pela exposição aos mortos ou cadáveres, carece de um ritual de purificação e/ou limpeza ritual, como mecanismo de manutenção do equilíbrio e da saúde sociais.

Partindo do princípio que uma instituição universal pode estruturar a vida dos indivíduos de forma

diferenciada, de acordo com o quadro cosmológico de cada grupo, como nos ensina a antropologia contemporânea representada grandemente por Leach (1982), que privilegia a contextualidade e pauta pela diversidade cultural.

No contexto da nossa análise é problemático se tomarmos em consideração que apesar de tanta negatividade e periculosidade atribuída a exposição ao morto ou relação com a morte, para os trabalhadores da morte pode ser diferente, pois, a vivência e a quotidianidade desempenham um papel de relevo na incorporação, normalização e institucionalização do contacto com os mortos ou cadáveres, sobretudo a domesticação do aleatório associado às consequências das mudanças sociais.

E, porque também pode-se aprender a considerar um perigo ou impureza como “um de nós”, como sublinhou Granjo (2004). Deste autor também se pode ler o seguinte: “Um perigo só tem existência para as pessoas a partir do momento em que é reconhecido, identificado como tal, ou seja, a partir do momento em que é percebido” (Granjo, 2004:131).

Esta discussão nos permite dizer que existem circunstâncias e contextos que nos sugerem a repensar as questões associadas ao contacto com os mortos, a forma de lidar com ela (a morte) tendo em conta as mutações sociais, as transformações que ocorreram na própria cultura da morte, as matrizes culturais, as microculturas que se constroem no seio da macro cultura ou «sociedade geral», principalmente em espaços urbanos ou “urbanizados”. Como é o caso da presença massiva de agências funerárias, administração mortuária, e profissionalização dos ritos mortuários que se verifica nas sociedades actuais.

O texto está organizado em cinco (5) capítulos, sendo primeiro, a Introdução, no qual fazemos uma breve contextualização do tema, a justificação, os objectivos do trabalho e apresentação das principais abordagens na temática da morte e respectiva problemática. O segundo capítulo reserva-se à revisão da literatura onde agregamos ideias e perspectivas de diversos autores em torno da temática, conceitos e noções utilizados no trabalho.

No terceiro capítulo apresentamos questões metodológicas, onde mostramos aspectos técnicos tomados em consideração para elaboração do trabalho. No quarto capítulo apresentamos e discutimos os resultados encontrados no campo. E, no quinto e último apresentamos as considerações finais, mostrando as nossas constatações e as referências bibliográficas.

CAPÍTULO II

2. Revisão da Literatura

O debate em torno de representações sociais da morte é levado a cabo à luz de três perspectivas principais, nomeadamente: Biológica ou organicista, Espiritual e Sócio-antropológica.

A perspectiva biológica ou organicista é de carácter determinista, e sendo assim, olha para a morte como oposição à vida e fim de um processo cíclico, isto é: os seres vivos obedecem a um ciclo de vida que se resume em nascer, crescer, reproduzir, viver e morrer. E, centra a sua atenção nos aspectos clínicos da morte, tais como a paralisação e disfunção dos órgãos biofísico e químicos, fazendo dela um fenómeno negativo, um mal a carecer de um tratamento e que deve ser tratado por profissionais de saúde, Lima {s/d}; Giacoia Júnior, (2005); Steimpach, (1993).

A segunda perspectiva, a Espiritualista que reclama o ser humano como cidadão de dois mundos «Esfera terrestre» e «Esfera celestial», no primeiro habita o corpo e no segundo o espírito, portanto, a morte seria um meio através do qual transita-se de um mundo para o outro. Desta forma, a morte aqui é entendida como um processo que dá continuidade à vida num outro plano. Como um complexo de factores que cobrem os fenómenos psicológicos, biofísicos, anímico-conscienciais, paranormais e mediúnicos¹, (Teixeira, *ibid*; Steimpach, 1993).

Nesta ordem de ideias, autores como Van Gennep (2011:23) e Giustiniani (1993) sugerem que a morte marca uma viagem do “mundo profano ao mundo sagrado” ou transição do “plano físico para o metafísico.” Entretanto, repudia a ideia segundo a qual a morte é um fenómeno mau e terrível, pois não é fim da vida, e sim uma passagem para outra, contrariamente à perspectiva anterior que olha para a morte como a cessação da vida.

A Perspectiva Sócio-antropológica, discute a temática numa dimensão holista, isto é: abarca aspectos biológicos, simbólicos e culturais da morte. Autores como Morin (1997) Lihah, (2010a), sugerem que a morte tem de ser vista como um fenómeno Biossocial, uma vez que transcende as fronteiras do biológico e estende-se ao plano do social. Contudo, é uma abordagem através da qual pode-se entender diversos aspectos inerentes à morte enquanto uma instituição.

A dimensão socio-antropológica reconhece a universalidade, mas reitera que, a morte mais do que natural, encontra-se na vida dos homens imbuída de valores culturais, através dos quais, constroem a

¹Desencarnação ou estado alterado de consciência

sua visão do mundo, o que lhe confere a categoria de fenómeno social total. Ou seja, é um fenómeno que comporta dimensões económicas, políticas, religiosas ou espiritualistas, sociais e entre outras.

Feita a revisão de literatura, constata-se que a primeira abordagem restringe o seu foco à questões físicas e orgânicas da morte e/ou do ser humano, e classifica o fenómeno da morte como uma afronta à humanidade, cujo contacto põe as pessoas em risco de contrair doenças biofísicas, perdendo de vista doenças espirituais e aspectos sociais que essa instituição encerra, como por exemplo a sua influência na vida dos vivos. A segunda mostra-se mais extensiva, porém, baseia-se na crença e fé de ordem religiosa, e como tal não passa de um dogma.

A terceira aborda as representações sociais à volta da morte e, desta forma pode debruçar-se sobre outras perspectivas, pois, de acordo com Hertz (1970), é uma perspectiva que se interessa por representações, práticas à volta da morte e emoções que o fenómeno infringe na vida dos homens. O autor sugere ainda que estes fenómenos devem ser estudados como factos sociais lógicos (Hertz apud Bloch e Parry,1982).

De acordo com nossos objectivos, basear-nos-emos na perspectiva socio-antropológica, pois, nos permite compreender as formas de representações sociais do contacto com os mortos. Sobre esta linha, isto é: o contacto dos vivos com mortos (Cadáveres ou “espíritos”), encontramos uma ideia segundo a qual, o contacto com o morto ou a própria morte é um fenómeno com alto potencial de poluição social e, conseqüente instauração de anormalidade e desequilíbrio do sistema social, nesta ordem de ideias, a morte é vista como um fenómeno «*nefasto ou anormal*», portador de uma «*poluição extremamente perigosa, forte e contagiosa.*», revestido de *ocultismo* «*Terrível*» «*Mau*» em outras palavras, o contacto com cadáveres é em muitas sociedades visto como uma ameaça a integridade social (Junod; 1996[1912]; Honwana, 2002; Lihaha,2010a; Kim, 2012).

No que diz respeito às ideias acima, Junod sublinha: “Todos os objectos e todas as pessoas que estiveram em contacto com o morto, todos os parentes, incluindo os que vivem longe entram num estado de impureza” (Junod,1996: 143).

Em linhas gerais, estudos antropológicos, em torno de atitudes diante da morte ou morto seja em

cadáver quanto em espírito², principalmente os desenvolvidos em Moçambique, sugerem que o contacto com o morto encerra um perigo à harmonia social, ordem e “saúde” de um determinado grupo social, através da impureza que a morte encerra. Segundo estes estudos aqueles que entram em contacto com a morte, são poluídos e constituem uma ameaça à ordem social, o que os coloca à margem da sociedade, cuja reintegração ao grupo obedece à um processo de rituais de purificação ou limpeza (Dias & Dias, 1970; Honwana, 2002; Lihabe, 2010a; Junod, 1996; Amaral, 1990; Granjo, 2007; Martinez,1989).

No concernente ao ponto de vista do parágrafo anterior, tomamos como exemplo o argumento de Granjo (2007:5): “A impureza inerente à morte, no sul de Moçambique, carrega consigo um leque de pressupostos da saúde, pois é vista como um problema de saúde ou doença, é feito diagnóstico, tratamento, limpeza e protecção, adivinhação para descobrir-se se o paciente ficou possuído por algum espírito ou apresenta algum problema de saúde.”

Os argumentos da perspectiva antropológica até então explorados, sugerem que a morte é associada à poluição extremamente perigosa para integridade social, que tem carácter patogénico. Este posicionamento não passa de uma análise que se limita em olhar a morte em contexto doméstico ou familiar, o que noutras discussões se defende que já entrou em desuso ou simplesmente prevalece em contextos rurais, como resultado das mutações de todos os aspectos da vida social, aliadas a crescente urbanização e racionalização das sociedades actuais. Dando lugar a profissionalização, mercantilização e mecanização da morte, ou seja, o tratamento ao morto confiado a profissionais especializados, peculiar a sociedades contemporâneas. (Ariés apud Rabelo, 2006; Kim, 2012; De Witte, 2003; Bryant, 2006).

De acordo com os pressupostos sócio-antropológicos aqui enunciados, constatámos que a discussão inerente ao contacto com os mortos ou cadáveres e a própria morte associada ao «perigo», uma noção contextualmente identificada e reconhecida como ameaça (Granjo,2004; Douglas,1991), em Moçambique, os estudos aos quais tivemos acesso, têm tendencialmente a restringir-se de forma transversal às atrocidades que o país enfrentou no passado recente e se centram no meio rural ou

² Entendemos que quando se fala de contacto com mortos ou da relação entre vivos e morto, trata-se de uma relação tanto física como espiritual, pois em muitas sociedades acredita-se na transformação automática dos mortos em espíritos. Honwana discute melhor esse assunto quando sublinha o seguinte “ os espíritos e os seres humanos se encontram em interacção e podem ser vistos, ontologicamente, como fazendo parte uns dos outros”

periurbano, onde provavelmente a cultura tradicional da morte (tratamento do morto feito por membros da comunidade) continua intacta (Honwana,2002; Lihaha,2010 a).

Os estudos acima aludidos não abrangem contextos, onde o tratamento do morto e ritos mortuários são baseados nos profissionais mortuários, entre os quais o contacto ou exposição aos cadáveres é uma acção quotidiana. O que pode permitir a compreensão das formas de domesticação e mecanismos sociais accionados para gerir um fenómeno (contacto com cadáver/morto e a própria morte) que em certos fóruns é considerado ameaça à saúde e bem-estar públicos como acentuam Caparroz de Souza & Boemer (1998:36) para quem “o constante contacto com cadáveres faz com que os trabalhadores estejam sob o risco de contrair doenças” e é reprimido, metaforizado no quotidiano e revestido de ocultismo como sublinha Morin (1997).

As ideias dominantes aqui referenciadas, segundo as quais a morte representa uma terrível ameaça à ordem social, perdem de vista as diferentes formas de responder aos estímulos considerados universais. E a ideia de que a morte é um tabu e, que os indivíduos que se encontram num ambiente mortuário ou em locais onde a morte ocorre, entram num estado de impureza e são sujeitos a rituais de purificação e/ou limpeza, não toma em consideração as estratégias que os grupos em diferentes contextos e situações adoptam para domesticar, tornar familiar o que de certa forma é concebido perigoso, tendo em conta que cada grupo possui lógicas e ideologias defensivas próprias para fazer face às coisas que afectam as vidas dos seus membros e a vivência quotidiana da morte, como o caso do que se sucede entre trabalhadores funerários aqui analisados, refuta a hipótese segundo a qual a morte é tabu.

Enfim, o contexto da nossa análise é daqueles que sugerem repensar sempre na temática de atitudes diante da morte, enquanto um conjunto de processos sociais (estruturantes da vida das pessoas em dado grupo) passíveis de análise sociológica ou antropológica, como acentuou Hertz (1970).

2.1 Enquadramento Teórico e Conceptual

O tópico fundador dos estudos socioantropológicos da morte é “as representações colectivas em torno da morte.” Desenvolvido por Robert Hertz, considerado um dos clássicos da literatura antropológica sobre a morte e discípulo de Durkheim e Mauss (Pina Cabral, 1984:350).

O conceito e ao mesmo tempo teoria das representações sociais, que aqui utilizamos é uma tradução de Moscovici (1978) da noção das representações colectivas criada por Durkheim, para quem as representações colectivas traduzem a maneira como o grupo se pensa nas suas relações com os objectos que o afectam.” Segundo Durkheim as representações “traduzem a maneira como o grupo se pensa nas suas relações com os objectos que o afectam.” (De Oliveira, 2012).

Neste estudo, utilizamos o conceito e teoria das representações sociais proposto por Serge Moscovici (1978:25): “...as representações sociais constituem uma série de opiniões, explicações que são produzidas a partir do quotidiano dos grupos, sendo a comunicação interpessoal importante neste processo”. Ou seja, representações sociais se apresentam como uma maneira de interpretar e pensar a realidade quotidiana, uma forma de conhecimento da actividade mental desenvolvida pelos indivíduos e pelos grupos para fixar suas posições em relação a situações, eventos, objectos e comunicações que lhes concernem.

Para o caso específico dos trabalhadores funerários, constata-se que as formas de representações e práticas à volta do contacto com cadáveres são influenciadas pela maneira como o grupo interpreta e pensa a sua acção quotidiana.

As representações sociais são um conhecimento prático que dá sentido aos eventos que nos são normais, forja as evidências da nossa realidade consensual e ajuda a construção social da nossa realidade. (Moscovici apud sêga, 2000:128-129; Spink,1993). Neste estudo concebemos representações sociais como forma de ver o mundo ou cosmologia dos trabalhadores funerários, por meio da qual se ligam à vida, orientam, fundamentam as suas acções quotidianas e afirmam a sua existência em diferentes contextos e situações das suas vidas.

Neste estudo, também utilizamos as noções de pureza e perigo como são discutidas por Douglas: a noção de pureza na acepção desta autora, corresponde às acções e aos objectos incorporados como normais ou puras, isto é: que estão no lugar para o qual foram concebidos e são benéficos à sobrevivência da ordem social.

E, Perigo corresponde a todas as acções, práticas ou objectos que podem ser representados ou simbolizados como afronta, ameaça à ordem social, numa determinada estrutura cósmica ou social bem definida. São coisas “fora do lugar”, é uma fonte de impureza e desordem, é um elemento contagioso e de poluição social através de objectos e contacto entre membros de uma dada formação social. “A poluição é um tipo de perigo que se manifesta com mais probabilidade onde a estrutura cósmica ou social, estiver claramente definida.” (Douglas, 1991:85).

A noção de perigo constitui um elemento ambivalente, sendo por um lado, símbolo da desordem, por outro, símbolo de poder, porque qualquer homem capaz de restabelecer o equilíbrio social através de um ritual, confere-se-lhe o poder e prestígio. “A ordem ideal da sociedade é mantida graças aos perigos que ameaçam os transgressores. Estes pretensos perigos são uma ameaça que permitem a um homem exercer sobre outro um poder de coerção”(ibid).

Por seu turno, Granjo (2004) define Perigo como qualquer ameaça à integridade das pessoas, dos seres e das coisas, cuja existência é percebida e reconhecida como uma potencial causadora de danos.

CAPÍTULO III

3. Metodologia

O presente estudo é exploratório do tipo qualitativo (segundo Minayo & Sanches 1993:245, abordagem qualitativa é um modelo que permite ao pesquisador aspectos relacionados aos significados, motivos, aspirações, atitudes, crenças e valores na vida quotidiana), com carácter descritivo, no qual pretendemos explorar as vivências, experiências, apropriações da morte e os perigos associados ao contacto com os mortos, e respectivos mecanismos accionados para fazer frente a tais perigos no contexto quotidiano dos trabalhadores funerários em Maputo. O Estudo centrou-se nos trabalhadores funerários de sexo masculino³.

A pesquisa compreende três (3) fases contínuas, sendo a primeira de carácter teórico, que começou em Março de 2013 e acompanhou a pesquisa até à sua conclusão, e consiste na revisão da literatura sobre a temática da morte em geral, e sobre procedimentos teórico-metodológicos da pesquisa em ciências sociais, o que nos permitiu organizar de forma crítica a prática de investigação (Almeida e Pinto & Madureira,1975). A segunda fase, a prático-etnográfica, que começou em Setembro de 2013 e prolongou-se até Março de 2014, consiste em visitas exploratórias aos locais considerados da morte⁴, e a terceira fase decorreu no período entre Fevereiro e Abril de 2014, esta fase consistiu na apresentação, análise e interpretação de dados obtidos no campo.

A revisão da literatura foi desenvolvida através de material bibliográfico encontrado nas Bibliotecas Central Brazão Mazula, do Departamento de Arqueologia e Antropologia (DAA), ambas da Universidade Eduardo Mondlane (UEM), na Biblioteca da Universidade São Tomás de Moçambique (USTM). E, por meio de artigos e revistas científicos disponíveis na internet. Através deste material inteiramo-nos sobre aspectos teóricos e o ponto de situação da temática da morte no quadro das ciências sociais em geral, e na Antropologia em particular. A pesquisa bibliográfica permitiu-nos conhecer minimamente o estado da arte inerente às perspectivas de análise das práticas fúnebres e mortuárias, noção da morte e o seu lugar nas sociedades humanas.

³O nosso plano era de abranger ambos os sexos, porém enfrentamos dificuldades de sermos aceites no universo feminino, e porque as indicações de outros participante apenas apontavam profissionais do sexo masculino. O perfil dos entrevistados em termos de habilitações literárias varia entre 7ª e 12ª classes, e idades entre 27 e 63 anos.

⁴Cemitério de Lhanguene, Capela e Morgue do Hospital Central de Maputo e à algumas agências funerárias localizadas na Cidade de Maputo.

Nas explorações do campo, o pesquisador travou conversas informais com alguns trabalhadores funerários, perante os quais identificou-se como estudante interessado em obter alguma informação sobre suas experiências e seu trabalho.

As visitas exploratórias foram levadas a cabo, à luz dos pressupostos teóricos básicos da etnografia, tal como sugere Cardoso Oliveira (2006) “Ver, Ouvir e Escrever”, que se traduz em fazer-se ao campo, observar o fenómeno em análise, ouvir o que os actores sociais dizem e pensam sobre o que fazem, como recomenda Malinowski (1978).

Seguindo estas orientações, fizemo-nos ao campo com objectivo de ver e ouvir em primeira mão dos trabalhadores funerários. O que permitiu-nos levantar questões sobre fenómenos decorrentes no dia-a-dia do trabalho funerário.

Peirano (1992), acentua que o trabalho de campo é método de procedimento por excelência de Antropologia e constitui um rito de passagem na formação de antropólogos, e a pesquisa etnográfica é um caminho através do qual a teoria antropológica se sofisticava e se desenvolve. O trabalho de campo constitui assim, um braço-de-ferro entre as teorias académicas e as do contexto em análise (Blommaert & Dong, 2010), para aplicarmos este pressuposto tomamos as partes da revisão de literatura e da realidade social como dois textos diferentes, e fizemos uma leitura comparativa.

3.1 Técnicas de recolha de dados

O processo de recolha de informação orientou-se pela observação directa, entrevistas semi-estruturadas e histórias de vida. Observámos práticas mortuárias, tais como transporte de cadáveres, cortejos fúnebres, funerais, práticas pré e pós enterramentos entre estes profissionais, preparação de covas, negociação de serviços funerários, o que permitiu ao pesquisador captar e descrever emoções, sentimentos, discursos, as formas como os sujeitos deste estudo incorporam o contacto com os mortos no seu quotidiano.

Todas as observações e entrevistas decorreram no meio de semana (2^a,3^a,4^a e 6^a feiras), nos períodos de manhã e de tarde. Efectuamos doze (12) entrevistas com recurso ao diário de campo, gravador de voz com recurso a um telemóvel e técnica de memorização. Segundo Guber (2001), entrevista é uma

relação social através da qual se obtém enunciados e verbalizações em uma instância de observação directa e de participação.

A partir daquilo que ouvimos e vimos no campo, fomos construindo um guião de perguntas que achamos relevantes, o que permitiu aos informantes falarem das suas experiências sem influência do pesquisador, pois as questões foram sendo elaboradas e aperfeiçoadas no decurso da pesquisa etnográfica, e tomando em consideração as respostas e explicações dos participantes do estudo.

3.2 Procedimentos de sistematização e análise de dados

Para a sistematização da informação, cinco entrevistas foram gravadas com consentimento dos informantes e sete entrevistas foram imediatamente registadas em diário de campo, porque os informantes não permitiram que gravássemos as entrevistas, pois receavam que estas fossem parar nos meios de comunicação social. Concluídas as entrevistas, as gravações e os registos foram transcritos para um caderno de apontamentos, os registos das conversas e observações foram passados a limpo, e posteriormente se produziu um relatório de campo digitalizado.

Durante este processo, procurámos entender o que os informantes nos transmitiram e pensaram sobre as suas experiências de lidar com os mortos/a morte no seu quotidiano. O que nos permitiu apreender o conteúdo de cada conversa e as respectivas convergências e divergências entre uma e outra.

O período de duração de cada conversa variou entre quarenta e cinco (45) minutos e uma (1) hora e meia, em locais onde os sujeitos de estudo se encontravam a exercer suas actividades, tais como em frente da Morgue do Hospital Central de Maputo, Cemitério de Lhanguene e em escritórios de algumas agências funerárias.

A análise dos dados obedeceu à três fases, primeira que consistiu na agregação da informação obtida por meio das entrevistas e observações no campo, a segunda sobre a selecção da informação que achamos relevante para responder à nossa pergunta, e categorização dos depoimentos extraídos das entrevistas e observações inerentes às vivências do ambiente mortuário entre trabalhadores funerários, e a terceira consistiu na categorização, interpretação das entrevistas e observações, que depois foram distribuídas em tópicos construídos de acordo com os nossos objectivos específicos. O que nos permitiu ilustrar os depoimentos dos informantes analisados à luz da literatura e das nossas reflexões pessoais.

3.3 Critério de selecção de informantes da pesquisa

A exploração do campo começou na Morgue do Hospital Central de Maputo, com objectivo de identificar pessoas que se encaixassem à categoria de trabalhador funerário. O que quer dizer que Escolhemos intencionalmente⁵, pois, identificamos através de traços como uniforme, conduzir carro escrito “*agência funerária*”, trazer urnas, levar ou deixar cadáveres e portar ferramentas técnicas e/ou de trabalho como pá para o caso dos coveiros, tudo isso foi feito com recurso à uma pergunta: “O senhor trabalha para uma agência funerária/é coveiro? Ou é senhor Humberto?”⁶ Para os casos de informantes indicados pelos outros contactados anteriormente.

3.4 Desafios na recolha de informação

No decurso do trabalho de campo, foi-nos extremamente difícil estabelecer uma conversa prolongada com os potenciais informantes, devido a sua mobilidade constante. O pesquisador foi várias vezes confundido com um cliente, jornalista, para isso bastava dirigir uma saudação com todo o “respeito”. Tivemos muitos momentos de frustrações, desde voltar do campo sem entrevistas ao não ser aceite porque não tínhamos autorização das autoridades competentes.

A falta de domínio das línguas Xironga e Xichangana⁷, foi um obstáculo para captar algumas palavras usadas nas conversas (entre os informantes e seus colegas ou utentes destes espaços) no decurso do trabalho de campo, por isso as entrevistas foram conduzidas em língua portuguesa.

O pesquisador atravessou momentos de incertezas, perguntando-se se realmente era aquele tipo de universo que queria pesquisar ou não, como ser humano (não trabalhador funerário) foi difícil encarar os corpos, o cheiro cadavérico, as reclamações de certas famílias pela demora de entrega dos corpos dos seus ente queridos, choros e lamentações, resumindo todo aquele ambiente que caracteriza o ambiente mortuário. A falta de tempo e rejeição por parte de alguns potenciais informantes (indicados) fez com que prolongássemos o tempo de trabalho de campo, porque foram adiando e outros nunca chegaram a ser entrevistados.

Para ultrapassar estes desafios tivemos que conquistar amizade e confiança de alguém influente na

⁵ A selecção foi intencional porque fiz de acordo com traço daquilo que havia definido como categoria “trabalhador ou agente funerário”

⁶ Os nomes que usamos neste trabalho são fictícios por uma questão de ética e confidencialidade, e preservação da integridade dos informantes.

⁷Línguas faladas nas províncias de Maputo e Gaza.

indústria funerária, que nos indicou outras pessoas que pudessem conceder informação sobre o assunto da pesquisa. Foi a partir desse momento que estendemos o nosso grupo alvo aos coveiros, indivíduos que também enquadram-se na categoria “Trabalhadores funerários”, com os quais também construímos laços de “amizade” e confiança através da nossa aparição frequente aos locais de trabalho.

A consciência de que estávamos no campo como pesquisadores, desempenhou um papel relevante para ultrapassar os desafios ligados às nossas incertezas, pois a ideia de que a nossa presença naquele ambiente era a curto prazo (*Era uma questão de tempo e paciência*) sempre pairava em nós, no entanto, essas palavras descrevem alguns dos factores que nos motivaram a prosseguir com o nosso trabalho.

Face ao assunto deste subcapítulo (desafios na recolha de informação), achamos relevante lembrar que em “Os argonautas do pacífico ocidental” Malinowski (1978), deixa-nos um legado de extrema relevância sobre os procedimentos e condições de recolha de informação para a produção e reprodução do conhecimento antropológico, no entanto que um conhecimento científico. E, naturalmente, um desses procedimentos é mostrar as dificuldades e/ou obstáculos enfrentados aquando da recolha de informação etnográfica.

CAPÍTULO IV

4. Apresentação, discussão e análise de resultados

4.1 Lógicas estruturais e funcionais dos serviços funerários

Neste tópico apresentamos a instituição funerária como um espaço de valores e leis próprias, aliás, qualquer instituição tem lógicas que regem o seu funcionamento de forma a garantir a sua existência íntegra. A pesquisa de campo revela que o funcionamento da instituição funerária obedece a regras e lógicas que devem ser observados por todos os que trabalhem ou pretendam operar na indústria funerária. As normas constroem acreditação e descredibilização entre as empresas funerárias e seus trabalhadores.

A observação das normas no contexto analisado, segundo alguns informantes, em primeiro lugar, seria conceber os serviços funerários como uma acção humanitária que vise proporcionar um acompanhamento digno aos mortos. E, por seu turno, a inobservância dessa regra seria, tomá-los em primeiro plano, como actividades comerciais, perseguir/ir atrás dos familiares dos falecidos para publicitar os seus serviços. Existindo desta forma uma linha que separa “os que prestam serviços para cobrar a moral e dinheiro, os «Zé-ninguém»⁸ dos que fazem ou prestam os serviços por amor.⁹

No primeiro dia do trabalho de campo, que foi em frente à morgue do Hospital Central de Maputo, numa primeira fase, quase que a ilusão de transparências comprometia a nossa pesquisa, ao pensarmos que tudo funcionava a base de vendas de serviços funerários. Pois, observamos a um ambiente propriamente comercial, sobretudo marketing e publicidade por via de fotografias de caixões ou urnas, e viaturas e respectivos preços com ou sem descontos. Exemplo disso foi uma negociação que acompanhamos entre uma trabalhadora e um cliente:

Temos este tipo aqui (mostrando as fotografias) e o preço é 2650, vem com todos os descontos, transporte não vai pagar... depois podes me ligar para pagares e passar-te o recibo. Porém, quando fomos aprofundando, constatamos que a instituição funerária ou aquele ambiente mortuário, mais do que um espaço de comercialização de serviços e posto de trabalho, é um campo de exaltação da

⁸ Uma categoria ou rótulo popular atribuído a pessoas que não sejam do tipo ideal em relação ao grupo que cria o rótulo. Em linguagem comum significa “os que não valem nada” veja primeiro capítulo.

⁹ Entende-se que fazer por amor seria dedicar-se ao trabalho sem interessar-se mais pelos ganhos, mas sim pelo gosto ao trabalho e ajudar os outros.

dignidade e valores da existência humana, prestígio e reciprocidades¹⁰.

Num estudo baseado em história oral dos trabalhadores funerários na Escócia, McFarland constata que o trabalho funerário foi reconhecido, não só como uma profissão de compaixão, mas também como um mecanismo de salvaguardar a dignidade do finado, e aconselhar e ajudar as famílias enlutadas (McFarland, 2006:73).

A ideia de que o trabalho funerário é uma forma de manutenção da dignidade humana e ajuda é partilhada tanto pelos trabalhadores funerários como pelas famílias e inclusive órgãos administrativos. Frisamos isso porque foi-nos informado que é trabalho nobre de fazer porque: *Apesar de quando se vê de fora seja desprezível, nós estamos a ajudar os outros. E as pessoas que ajudamos reconhecem porque alguns depois vêm agradecer-nos.*¹¹

Um episódio deste tipo ocorreu enquanto entrevistava um dos meus informantes no seu escritório, que de repente pediu licença para atender a uma pessoa que lá esteve para agradecer, pela ajuda prestada na realização do funeral do seu familiar. *Essa senhora que estava aí vinha agradecer.* Tal como o ponto que foi explicado por McFarland, em Dezembro de 2013, vimos passar uma reportagem na televisão sobre uma cerimónia de homenagem aos “trabalhadores funerários” em reconhecimento do seu papel na manutenção da dignidade humana, humanização da morte e respeito pelos mortos, através dos seus serviços.

Como exemplo disso tomamos os seguintes depoimentos:

*Eu sei valorizar a morte, eu faço isto por amor e não por fins comerciais. Faço isto dentro de mim, fora de mim e procuro transmitir isto a outras pessoas... Os outros fazem por amor ao dinheiro. O cemitério é nossa última morada, um dia vamos lá morar, por isso devemos respeitar um pouquinho mais.”*¹²

Neste cenário o informante mostra que presta os seus serviços, não com mero objectivo de ganhar dinheiro, mas porque faz parte de acções que o correm à alma, que faz por amor, assume e sente como um estilo de vida, contrariamente dos outros que fazem por amor ao dinheiro.

¹⁰ Trocas simbólicas que fazem com que aqueles a quem se serve, “por vezes”, sintam-se obrigados a retribuir, sem acordo prévio para tal.

¹¹ Johnson, 33 anos, motorista funerário

¹² Gabriel, 63 anos, agente funerário

Outro informante acentua o seguinte: *Esses outros só estão interessados em trabalhar e ganhar dinheiro, o resto não interessa, não pagam quotas, e nem aparecem às reuniões¹³ são uns Zé-ninguém¹⁴.*

Este depoimento mostra que mais do que trabalhar para ganhar dinheiro, existem obrigações que os membros da agremiação das funerárias deviam observar, mas não o fazem.

Outros agentes funerários só vendem caixão. O nosso primeiro valor não é o dinheiro mas a moral das pessoas, que as pessoas se lembrem de nós... as outras agências cobram moral das pessoas, mas, isso porque já não existe amor pelo próximo, é por isso que eu posso morrer pobre, porque não quero que os pais dos outros passem por aquilo que o meu pai passou, quero enterrar condignamente, eu sou a última pessoa com quem as pessoas vêm falar, isso é gratificante.¹⁵

Este depoimento sugere que existem membros da indústria funerária que só se interessam em vender caixão, e que para este informante e outros elementos com quem se identifica, a primeira coisa que os suscita interesse é a moral das pessoas, justificando que a falta de amor ao próximo está por detrás da ideia de cobrar dinheiro, a sua vontade parte de um evento marcante da sua vida, que é o funeral do seu pai, que este classificou como “não digno” e da aspiração em tornar-se inesquecível na vida das pessoas.

Para o caso de agências funerárias, instituições que prestam serviços de transportes de corpos e de fabrico e fornecimento de caixões e transladação de corpos para outras cidades ou fora de Maputo, durante a nossa expedição na morgue do Hospital Central de Maputo, vimos viaturas de diferentes tipos, tais como “Nissan El Grand”, “Toyota Granvia”, “Toyota Regius” e etc., escritos “Agência funerária X e Y”¹⁶, que vinham deixar e levar corpos, deixar caixões e roupa. E, outros estacionados em frente a morgue, junto da Avenida Salvador Allende¹⁷.

¹³ Reuniões ou assembleias e outros eventos da associação dos agentes funerários

¹⁴ Kadre 40 anos, agente funerário.

¹⁵ Humberto, 52 anos, agente funerário.

¹⁶ Por razões éticas e confidencialidade não menciono os nomes das agências funerárias.

¹⁷ A parte da Avenida Salvador aqui mencionada é cruzada por avenidas Eduardo Mondlane e Agostinho Neto, pode se chegar usando como referência o restaurante “Launge 1908”, Ministério da Saúde e Faculdade de Medicina da UEM, ou o fim das avenidas Maguiguana e Emília Daússe.

Os corpos que estes vinham deixar na Morgue se inserem no serviço de *remoção*¹⁸ que consiste em levar o corpo que veio a perder a vida em casa, de casa para o hospital, e os corpos levados do hospital correspondem ao serviço de levantamento e transporte dos corpos da morgue para o cemitério ou para entregar às respectivas famílias em suas casas.

Os corpos levados directo ao cemitério, a partir da morgue, por motoristas das viaturas dos quais fizemos menção, são descarregados com apoio de alguns familiares e outras pessoas que vão participar na cerimónia fúnebre, são colocados num carrinho concebido para carregar caixões ou urnas contendo corpos no seu interior.

Em seguida, os motoristas fazem-se às suas viaturas e vão-se embora, pouco tempo depois aparecem coveiros que são responsáveis pela confecção da cova e remoção do carrinho para o devido sepultamento, na companhia de familiares e outros participantes, como grupos corais a fazer cânticos, membros de congregação da igreja e amigos, chegados a zona do enterramento, os coveiros levam o caixão e fazem-no “descer” lentamente a cova através de uma corda (um dos instrumentos do seu trabalho), e a seguir a isso, começa o processo de enchimento da cova com recurso a pá e auxílio de outros participantes do funeral, os coveiros retiram-se logo depois de encher e dar forma à sepultura. Tudo isso faz parte de um cenário, que também se pode descrever como um ambiente de choros, tristezas e angústia por parte dos participantes.

Para além destas tarefas, alguns trabalhadores encarregam-se de cuidar dos assuntos ligados aos tratamentos de boletins e/ou certidões de óbito, e inclusive na identificação e levantamento dos corpos e outras instruções para reclamação dos corpos junto das autoridades da morgue.¹⁹ Provavelmente seja este conjunto de práticas que faz destes trabalhadores agentes de ajuda e torna-os indivíduos inesquecíveis aos olhos das famílias a quem se presta o auxílio, conforme como ilustra o exemplo a seguir:

As pessoas não se esquecem facilmente, lembram-se de nós, e até costumam a querer retribuir, as vezes nós é que não aceitamos, porque não queremos ser expostos ao público, pois nem sempre os outros sabem o que fazemos e para muita gente este trabalho é anormal, o normal é conduzir chapas ou

¹⁸ Os serviços de remoção prestados por estas instituições restringem-se a mortes naturais (causadas por doenças ou acidente) ocorridas em casa ou residência, ou seja, em ambiente doméstico. E, para mortes não naturais (causadas por envenenamento, queimadura, suicídio, assassinato e afogamento) são da inteira responsabilidade medicina legal.

¹⁹ Esta prática depende do grau de conhecimento dos procedimentos administrativos por parte dos seus clientes.

*transportar pessoas vivas*²⁰.

Para uns, há uma negação antecipada de prestar seu papel por interesses monetários, entretanto, a dignidade e amor são relegados ao primeiro plano. E, este tipo de discursos foi se repetindo ao longo da nossa pesquisa de campo, ou seja, é um discurso partilhado entre maior parte dos informantes. E, isso pode estar associado ao valor que se atribui à “pessoa humana”, tendo em conta que o morto reflecte a imagem do vivo em outro estado, e por isso tem de ser-lhe venerado respeito, entretanto tomá-lo como um “Produto mercantil” que está no centro de trocas comerciais seria uma heresia social.²¹

Por outro lado, deve-se à característica do ambiente mortuário/fúnebre que é representado e simbolizado com dor, choros e tristeza, principalmente por parte das pessoas mais próximas do finado, como escreve Morin (1997): A morte do outro causa mais dor nas pessoas para quem o morto era próximo, então manifestar e assumir a comercialização destes serviços ou força de trabalho seria uma ofensa moral à sociedade “vivente” e às pessoas com quem estes se relacionam, neste caso, os familiares do finado. Crê-se que a melhor atitude diante da morte e ritos fúnebres deve ser livre de questões materiais e “mundanas”²²

Os trabalhadores funerários também percebem o seu trabalho como um campo de ascensão social e busca de prestígio, pois também nos foi revelado que prestar estes serviços é um meio para tornar-se imortal na memória colectiva das pessoas a quem se serve e conquistar veneração destas a longo prazo. Este argumento é reforçado pelo seguinte depoimento: “*Queremos ficar na memória das pessoas, que as pessoas se lembrem de nós... Sinto-me grande por aquilo que faço*”.

Os agentes funerários estudados por McFarland, na Escócia, percebem a sua actividade tanto como “profissão” quanto como um “estilo de vida” (Id.:71).

²⁰ Muacigarro, 36 anos, *Motorista funerário*

²¹Os informantes assumem que sofrem constrangimentos e por vezes são marginalizados pelos demais membros da sociedade geral, por causa do seu trabalho.

²²Termo religioso que designa coisas “profanas” e, normalmente os funerais no contexto são antecedidas de cerimónias religiosas (missas e outras formas de orações) ou seja, também são ritos religiosos no sentido sacro do termo. A posição correcta seria uma postura mais solidária ou humanista, pois a morte é também simbolizada e representada por choros, tristeza, amargura e dor.

Parece ser mesmo importante analisar os processos sociais no entanto que estilo de vida (Life Style), e provavelmente, seja isso que os actores ou indivíduos percebem das suas acções quotidianas, não só pensam naquilo que fazem, de acordo com a forma como é classificado, mas também como uma forma de ser e estar no mundo, uma forma de afirmar e justificar a sua existência. Este raciocínio pode-se encontrar como uma recomendação metódica de Malinowski (1978:36) quando sustenta:

“ (...) Temos de estudar o Homem e devemos estudar o que mais profundamente o preocupa, ou seja, aquilo que o liga à vida.”

Com estas exposições quero dizer que, de acordo com alguns trabalhadores funerários, os serviços funerários em Maputo comportam um corpo de lógicas funcionais muito vago, portanto, falar a seu respeito simplesmente como uma instituição mercantil ou uma “indústria do emprego”, estaríamos a reduzi-los, como podemos ver, são várias lógicas que fazem o funcionamento aceitável desta instituição.

De facto as linhas que traçam a separação entre a profissionalização, a mercantilização e a solidariedade nos serviços funerários, no caso em análise não são nítidas. Há um imbricamento destes factores, tendo em conta a consciência “produtivista” das sociedades actuais nas quais é preciso “trabalhar para (sobre)viver”(Lihaha, 2010b:62), ou seja, os indivíduos encontram-se de certa maneira inseridos em contextos, onde ter emprego constitui um imperativo para sua sobrevivência e dos seus dependentes.

O emprego encaixa-se no quadro de mercantilização da força (física e intelectual) e de vários outros fenómenos humanos tomados como fonte de geração de renda, e isso resulta a profissionalização de tudo quanto os homens fazem com vista a garantir a sua sobrevivência, *o pão de cada dia*²³, como é o caso do trabalho funerário que estou a discutir neste projecto de pesquisa.

Contudo, existem valores e crenças “tradicionais” que pesam sobre aquilo que os homens fazem, tomando em consideração as suas origens socioculturais, isto é, os pressupostos do “capitalismo selvagem” nem sempre se sobrepõem aos valores morais e sentimentais e humanos (solidariedade e ajuda ao próximo) trazidos pelos indivíduos desde a sua aculturação ou socialização primária como

²³Termo de origem bíblica (Pão nosso de cada dia) que se tornou numa gíria popular que significa meio de subsistência, fonte de rendimento (interpretação minha).

regras “politicamente correctas”, e isto desempenha um papel muito marcante na distinção entre os trabalhadores e as formas de funcionamento das instituições funerárias em Maputo.

4.2 Emoções e comportamentos dos trabalhadores funerários

Neste subcapítulo apresenta e discute as experiências emocionais e comportamentais dos trabalhadores funerários diante do morto, com objectivo de apreender como os indivíduos percebem e que sentido atribuem ao enfrentamento dos sentimentos emocionais originados pelo contacto de cadáveres e familiares afectadas pela dor, causada pela perda de um ente-querido.

Existem várias estratégias adoptadas por indivíduos que trabalham para a indústria funerária em Maputo com vista a gerir as suas emoções, durante o trabalho, entre elas podemos encontrar a familiaridade com o mundo funerário, determinada pela mestria e fruto de longa experiência no processo. A vivência prolongada e contínua em ambiente de mortes e choros ou lágrimas constitui um dos factores determinantes na integração dos sentimentos de dor na vida quotidiana.

Outros factores estratégicos apontados são a coragem²⁴ e o refúgio ao consumo de álcool, que segundo os meus informantes, é um instrumento para apagar as memórias dos momentos fúnebres como se narra no seguinte exemplo:

(...) Muita gente atira-se ao álcool “Refúgio” para apagar os sentimentos, pois ver os outros a passar por um sofrimento causado pela perda do seu ente querido afecta a nós também. Eu quando estava lá no cemitério, saía para tomar um uísque para livrar-me dos sentimentos criados pelo sofrimento daquelas pessoas afectadas pela dor.²⁵

De acordo com este tipo de narrativa, penso que acontece aquilo que os psicólogos chamam de “Contágio emocional”, Segundo Rego e Fernandes (2001:8) “contágio emocional é a capacidade dos indivíduos reagirem empaticamente a estímulos presentes nos estados físicos e psicológicos dos outros, ou seja, estar em sintonia com as pessoas com quem se relaciona.”

²⁴ Referimo-nos aqui de uma coragem institucionalizada e sua acepção neste contexto transcende a sua dimensão semântica, pois trata-se de uma noção com uma carga simbólica muito forte, ou seja, é uma instituição na medida em que há uma consciência colectiva de que ela dita o sucesso e permanência no universo dos serviços funerários.

²⁵ Kamal, 49 anos, agente funerário.

Por outro lado, em forma de reacção ou ideologia defensiva acontece aquilo que Lihaha (2004), no seu estudo sobre maquinistas dos Caminhos de Ferro de Moçambique (CFM), acentua que os maquinistas consomem álcool com intuito de ingerir ou consumir alguma coisa que altere o estado do espírito e garanta de forma hipotética, uma viagem mais rápida e tranquila. E, entre os trabalhadores funerários pode dar-se ao caso de estratégia de livrar-se ou aliviar-se de forma hipotética dos sentimentos emocionais infringidos pelo constante relacionamento com o ambiente mortuário.

Para o contexto da minha pesquisa, estas emoções podem resumir-se aos choros de alguns membros da família do falecido, que têm tendencialmente a transmitir-se aos profissionais dos serviços funerários um sentimento angustiante e desconfortável no exercício das suas funções, se pensarmos de forma “behaviorista” podemos dizer que há uma acção de “*estímulo e resposta*” colectiva. Neste caso de estudo, esse aspecto é reconhecido da seguinte maneira:

*É difícil conduzir ladeado de pessoas (familiares dos defuntos que vão no carro funerário) com corações feridos a chorar, você fica abatido psicologicamente, com risco de fazer acidente*²⁶.

Esta narrativa descreve um dos episódios que se toma como uma das ameaças (acidentar na sequência do estado emocional dos outros) no curso de algumas actividades ligadas a todo o conjunto do empreendimento funerário.

Outro informante afirma:

*(...) como eu trabalho aqui, para mim, mesmo que morra um familiar já não tenho aquela possibilidade de chorar mesmo, as vezes até a família admira, as vezes só lamento só, muito doloroso não sei que, porque já vi muitos choros, vejo pessoas que nem idade do meu pai tem, para mim, via aquilo como algo sentimental. Mas, agora vejo como algo natural, tipo todo o mundo chora. O choro é como algo natural. Eu sei que um dia venho para aqui, o mais difícil para mim é quando faço exumação, quando olho para aquilo e digo um dia hei-de ser isto, hei-de ser pó, porque quando fica muito tempo a pessoa fica pó. Não há emoção, são dúvidas e críticas a si mesmo.*²⁷

Estamos aqui perante uma narração de cenários, que determinam a incorporação ou integração das emoções e/ou sentimentos impostos pela vivência de climas de angústias, lamentações, choros e

²⁶ Khalid, 43 anos, motorista funerário.

²⁷ Tomás, 27 anos, coveiro.

mágoas. Ou seja, a familiaridade com este tipo de ambiente joga um papel importante para essa integração.

Como também apresenta-se-nos o exemplo a seguir. *Já não tenho a sensibilidade que eu tinha antes deste trabalho, porque já estou habituado, prontos tenho que trabalhar, as mortes tornaram-se o meu dia-a-dia, nos primeiros dias é terrível, mas com o tempo você habitua e porque você vê que são pessoas que lá estão a trabalhar*²⁸.

Estes depoimentos revelam de certa maneira aquilo que Lihave (2010b: 65) chamou por “*Dimensão informal de treinamento que consiste na aprendizagem diária no quotidiano do trabalho.*” Esta ideia sugere-nos a multiplicidade dos processos de transmissão de saberes, que no contexto do meu estudo, o conhecimento é adquirido e transmitido através da experiência prolongada e contínua vivência do ambiente mortuário e isso reflecte-se na forma de gestão de todos os sentimentos e perigos associados ao lidar com a morte ou mortos.

As crenças subjectivas de que O “OUTRO” reflecte o “EU”²⁹ ligadas à institucionalização dos fenómenos da coragem e do hábito estão entre os mecanismos adoptados pelos profissionais fúnebres no processo de apropriação e integração dos poderes emocionais, sentimentais e/ou comportamentais colocados pelo enfrentamento da morte e convivência com pessoas emocionalmente abaladas pela dor (familiares dos defuntos no decurso do cortejo fúnebre e sepultamentos ou enterramentos).

Entretanto, possuir esse dom (lidar naturalmente com a morte) é uma das principais condições para aceitação e integração no universo funerário, neste caso, o meu campo de estudo, pois, em algum momento faz-se uma série de testes aos recém-chegados, como por exemplo ser mandado à vala comum sem equipamento de protecção (luvas e máscaras) como se narra neste depoimento: *Passsei por muitas coisas, como forma de tentar desencorajar-me, mandaram-me á vala comum no terceiro dia de trabalho, o engraçado é que os outros tinham luvas, máscaras e eu não, até já fui colocado à sala de autópsia para ver se eu desistia.*³⁰

Este depoimento sugere que para trabalhar com aceitação e sucesso no universo funerário é preciso ser-

²⁸ Litos, 34 anos, Coveiro

²⁹ Crer que tudo o que os “outros” fazem, o “eu” também pode fazer, isso até parece-me uma convicção nata dos seres humanos e porque estes imitam-se.

³⁰ Humberto, 52 anos.

se destro e audaz o suficiente para enfrentar as ameaças que os eventos aí decorrentes encerram, como o caso de tocar cadáver com mãos e face “desarmadas” e/ou proceder enterros em valas comum.

4.3 “Kutulovela³¹”: Um idioma que domestica o perigo

No presente subcapítulo proponho-me apresentar e discutir as questões inerentes a experiências de estar em contacto³² sistemático com cadáveres, tais como práticas e estratégias de incorporação/integração e apropriação do perigo associado a esta relação (trabalhador/cadáver), por parte dos trabalhadores funerários. Esta discussão procura identificar o ponto de ligação entre prática de contacto constante com cadáveres (trabalho) e os potenciais perigos (poluição, medo, insalubridade, insegurança, etc.) que se lhe associa e a forma como é representado e percebido pelos trabalhadores funerários, mecanismos e estratégias adoptados por estes profissionais para a gestão e apropriação da cosmologia do perigo no quotidiano do trabalho.

O contexto em análise mostra que há presença massiva e predominante do poder discursivo da biomedicina, no que diz respeito ao contacto com a morte/cadáveres. Há uma difusão enorme da noção de perigo relativamente ao contacto constante com a morte, pois, constitui um elemento de contracção de doenças (bacteriológicas, cancerígenas, respiratórias).

Mas também, é importante dizer que mais do que ser perigoso, o tocar no cadáver em si é mais temido ainda o tipo de doença que terá causado a morte. *É extremamente perigoso trabalhar com os mortos devido ao tipo de doenças que tenham levado à morte. (Gabriel, 63 anos).*

No seio desta relação entre trabalho funerário e perigo, existe um debate normativo ou regulador do comportamento dos indivíduos/actores sociais, segundo o qual, há um conjunto de procedimentos e regras à observar para evitar expor a família e demais pessoas próximas a doenças, entre eles o desencorajamento de levar o uniforme a casa, lavar sempre as mãos e a roupa, não pôr a roupa dentro de casa para não contaminar a família, deve-se usar luvas para não tocar directamente no corpo e máscaras de protecção para evitar inalar o cheiro de cadáveres, porque contagia doenças.

Por detrás destes procedimentos que explicitamente revelam uma ameaça à integridade das pessoas, há mecanismos partilhados para uma gestão da vida profissional fora deste quadro, a saber: o hábito ou costume “Kutulovela”, A coragem e a crença de que as pessoas estão sujeitas a trabalharem em

³¹ Termo xironga que significa “acostumar-se ou habituar-se” (tradução de um informante).

³² O contacto aqui tratado pode ser físico ou psicológico, no sentido em que o trabalho está sempre no psíquico do trabalhador, equivale isso dizer que o trabalhador pensa no seu trabalho, faz plano para o dia seguinte, lembra-se das coisas que se sucedem no posto de trabalho e normalmente é lá onde passa boa parte do seu tempo.

qualquer coisa susceptível à intervenção humana. E, naturalmente o campo de análise mostra que são estes três elementos que contribuem significativamente para a normalização, domesticação e institucionalização daquilo que é considerado perigoso e poluente.

Penso que a existência ou não, reconhecimento ou não do perigo num dado contexto é resultado de uma imposição externa, por exemplo, discursos da medicina (científica e tecnológica ou “tradicional”)³³ e outras formas de discursos e crenças, para o caso do nosso estudo (porque estes profissionais passaram por várias experiências de vida, entre as quais, as vivências e ensinamentos que tiveram nas suas comunidades de origem, experiências académicas e experiências profissionais, este conjunto de factores entra em confronto).

A explicação dos parágrafos pode se ilustrar neste exemplo: *O serviço funerário é um trabalho como qualquer outro, a morte é natural, ninguém escapa da morte, todos nós havemos de passar por ela, nós temos de fazer este serviço, se não formos nós a fazer isso, ninguém de fora há-de vir fazer este serviço, tinha de haver pessoas a fazê-lo*³⁴.

Conforme sublinhamos num parágrafo recentemente, nesta narrativa encontramos uma ideia de que sempre há uma necessidade de haver pessoas a trabalhar em algo, e que a morte é instituição que abrange a todos seres humanos.

*Nós os trabalhadores da área dos mortos, numa primeira fase temos consciência de perigo de “contágio de doenças” mas o perigo morre quando pensamos que estamos habituados, você há-de ouvir a todos dizendo que já estão habituados” mas tem uma coisa que não tomamos em consideração: o perigo a que expõe-se à família. Por exemplo todos nós fomos advertidos para que não levássemos a roupa do trabalho à casa ou pelo menos não devíamos pôr dentro de casa para não contaminar a família.*³⁵

Granja em “Trabalhamos sobre um barril de pólvora...” defende que “os perigos são percepcionados, entendidos e manipulados e são potenciados e limitados por factores sociais.”

Segundo esta narrativa, no contexto do meu estudo, o que define a existência do perigo é essa

³³Entende-se por discursos médicos a todo e qualquer tipo de medicina, Biomedicina (baseada na “razão” e ciência) e medicinas tradicionais, porque todas estão ligadas a crenças segundo as quais o contacto com a morte simboliza transmissão de doenças, desarmonia, poluição do corpo social e tudo isso representa desordem social, a primeira procura vírus, bactérias disfunção ou funcionamento anormal do organismo e as outras procuram expulsar espíritos, feitiços, mediar entre vivos e mortos (apropriamo-nos da reflexão de Mary Douglas, 1991).

³⁴ Matola, 41 anos.

³⁵ Rafael, 54 anos.

“consciência de perigo”, que Granjo chama de “reconhecimento e identificação.” E, como tal os actores sociais, de acordo com a sua percepção, accionam mecanismos sociais para a sua potenciação e limitação.

Para o caso dos profissionais da morte em estudo existem dois discursos: sendo um de potenciação e, outro de limitação. O primeiro é o discurso dominante que se insere no quadro da racionalidade científica e tecnológica³⁶ e concebe os lugares da morte como ambientes perigosos, insalubres, onde os trabalhadores têm rotinas repetitivas como Nascimento & Roazzi (2007) sustentam.

O segundo é o discurso que se enquadra naquilo que Lihaha (2010b) chamou de «Crenças socioprofissionais» que neste contexto equivale a convicção de que a experiência e hábito como os tais factores ou mecanismos sociais que limitam o «perigo laboral» (Granjo, idem.) no universo do trabalho funerário em Maputo.

Ainda em relação a este depoimento, só para complementá-lo, no decurso das minhas observações no terreno (Cemitério de Lhanguene, vi trabalhadores deixando o posto de trabalho por volta das 16:30 e 17horas locais: alguns saem de mesma roupa (uniforme) usada na jornada do trabalho e outros trocam de roupa antes de deixar o local, isto é, trazem uma roupa civil de casa e o uniforme fica guardado dentro de um jazigo. Portanto, para além de roupa que se fala aqui, eles também levam alguns frutos silvestres comestíveis (Mafura) e plantas medicinais que crescem no cemitério para a família (casa).

Se você for a dar uma volta ao cemitério por volta das 11 às 12 horas, há-de ver muitos coveiros a sair para comprar um pão/bolo e a comer sem sequer lavar as mãos, depois de inalar o cheiro de cadáver. E, quero dizer-te uma coisa, o coveiro todo o santo dia toca no corpo e nalgumas gotas ou uns pingos do cadáver caem e tocam na roupa. Quando se trata de vala comum, infalivelmente estamos em contacto directo com cadáveres, e as vezes sem luvas, embora recomende-se-nos muito o uso de luvas e máscaras, pois não se pode pegar no cadáver sem luvas (Humberto, 52 anos).

Nesta narrativa percebe-se uma aparente contraposição entre discursos de valorização do perigo (Granjo, 2004) da saúde pública (Universalista) e a valorização do mesmo, por parte dos profissionais (Contextual), isto é; crenças dos actores sociais envolvidos nestas acções, o que provavelmente pode determinar uma construção de múltiplos modelos etiológicos³⁷. Por exemplo, para os profissionais de saúde, a tuberculose de um trabalhador funerário é explicada e/ou causada pela exposição sem protecção aos cadáveres à ambiente insalubre, ao passo que ele pode evocar outras causas que não tenham algo a ver com sua ocupação, pois acredita ser forte e destre o suficiente, ou seja, já está

³⁶ Inclui biomedicina

³⁷ Explicação das causas e/ ou origens das prováveis doenças.

adaptado ao meio e pode sobreviver nele que até pode tomar alimentos/ depois de tocar num corpo e nem sequer ficar doente.

No contexto analisado, há crença de que quem fica doente por fazer isso, é quem vem de fora “estrangeiro ao universo funerário”. *As vezes servimos comida e comemos, as pessoas quando passam dizem “Olhem para ele, está a comer aqui, não tem medo de ficar doente ou de shipokho³⁸ ou já está possuído? (Kelvin, 29 anos).*

Outro informante em relação ao perigo de contaminação narrou-me o seguinte:

Vou-te contar uma coisa, quando uma certa família perde um ente querido em casa por volta das 21 horas, os familiares ligam para mim para pedir a remoção do corpo. Mas, eu mando-lhes que fiquem calmos, pois não há pressa e que nós iremos lá de manhã cedo para fazer a remoção. Primeiro eles têm de estar a vontade, porque a morte não contamina e não faz mal a ninguém³⁹

Este tipo de posicionamentos permite-nos perceber que este é um momento em que há tendências de transmissão da *microcultura da morte*⁴⁰ dos trabalhadores funerários para o nível da macrossociedade (Sociedade geral de que estes são parte), através da estratégia de sossegar e apelar à calma para a família diante de cadáver. Ou seja, existe uma diferença na forma de perceber o estar diante do morto, entre aqueles que têm o contacto com a morte como um estilo de vida, e aqueles que têm esse contacto só quando morre alguém próximo ou familiar. Nas palavras de Kovács (2008) podemos dizer que estamos perante um cenário de «Educação para a morte.»

Exercer as actividades funerárias como profissão e modo de vida significa ficar quotidianamente a vivenciar a morte, através de serviços de transporte, remoção, acompanhamento de cortejos fúnebres, sepultamento ou enterramento. E, estas actividades de forma prolongada e contínua vai gerar uma microcultura particular no seio do grupo que se dedica a esses serviços e através dela atribuir significados e representações daquilo que fazem, como é o caso de olhar para o acto de dormir com corpo em casa como algo “normal” e que a morte não contamina porque um dos nossos informantes: *O finado continua aquela pessoa que viveu consigo durante muitos anos e, nunca lhe fez mal, então, não será porque morreu que vai fazer mal.*⁴¹

³⁸ Fantasma em lingua xichangana

³⁹ Rafael, 54 anos.

⁴⁰ Parto do pressuposto que as formas de ver a morte dos profissionais funerários da morte é diferente da forma que as restantes pessoas do seu bairro vêem. Por essa razão chamo de microcultura da morte, como um pequeno grupo (trabalhadores funerários) que está dentro de um grupo grande (a população da cidade de Maputo) o que chamamos de macrocultura ou macrossociedade.

⁴¹ Gabriel, 63 anos agente funerário (antigo coveiro).

Para nós, isso também constitui uma das formas discursivas para instrução ou imposição da cultura profissional nos mais novos trabalhadores. Estas formas diferenciadas de concepção ou de atitude diante da morte entra em ligeira contradição com os estudos generalistas, que reivindicam a morte como uma fonte de impurezas, não estamos aqui a refutar a validade desta constatação, mas lembrar que a ideia de que qualquer que seja uma instituição ou processo social, só existe na medida em que é reconhecido pelos seus participantes.

Contudo, isso faz-nos lembrar o argumento de Granjo (2004:131), segundo o qual “um perigo só tem existência para as pessoas a partir do momento em que é reconhecido, identificado como tal. Ou seja, a partir do momento em que é percebido.” Entretanto, parece-nos que a sociedade funerária de matriz “urbana” não se pode encaixar na tão propalada ideia de impureza simbólica. Mas, a sociedade de matriz comunitária e “rural” reconhece essas impurezas e outros perigos inerentes ao contacto com a morte, interpreta e identifica-os como uma ameaça à sua integridade social.

O eco desta reflexão pode-se ver em Honwana (2002:250-251), onde se pressupõe que "Em várias partes do Mundo existem a convicção de que os indivíduos que tiverem estado perto da morte são mais susceptíveis à poluição" fazendo deles (...) “potenciais contaminadores do corpo social”.

E no contexto do estudo encontrámos:

O que mais prejudica e deixa com muitas doenças as pessoas aqui, coveiros sei lá, primeiro é desleixo e bebedeira, então boa coisa para prevenir-se, principalmente quando tem filhos e esposa, sai de casa bem prevenido, tem que tomar café com leite... café com leite é muito importante quando se vem para cá⁴².

Nesta narrativa percebe-se que há uma potenciação do perigo, que é o consumo de álcool enquanto agente que contribui para exposição “não controlada” aos cadáveres e, conseqüentemente, às doenças, mas também existem mecanismos defensivos, construídos pelo consumo de leite e consciência de família, leite para desinfectar o organismo e família para uma rotina mais “controlada”.

O consumo de leite no contexto mortuário é visto como um mecanismo de protecção contra bactérias e substâncias inaladas aquando do tratamento dos corpos/cadáveres e, como tal, simboliza um instrumento de limpeza e purificação do organismo. “*Há muito tempo havia protecção a exposição, mas agora não há protecção, só há protecção quando vamos a vala comum, cada um tem direito de um pacote de leite (1Litro) para desinfectar o corpo das bactérias*”. (Litos, 34 anos).

Neste contexto, o leite é apontado como um produto de consumo que deve ou pelo menos devia ser

⁴² Kelvin, 29 anos, coveiro

distribuído aos trabalhadores funerários, sempre que entrassem em contacto com cadáveres, porém, nem sempre é distribuído principalmente para os coveiros que também removem corpos não reclamados dos hospitais para proceder o enterramento em vala comum, para efeitos de desinfecção bacteriológica. Este tipo de serviços é dos que mais expõem directamente estes trabalhadores aos cadáveres. Ou seja, aquilo a que eles chamam de ficar “*cara a cara com o corpo ou pegá-los com as mãos sem nada*”.

Pudemos ver e acompanhar coveiros saírem do cemitério para comprar fritos/bolos/pão e refrigerantes, e a tomarem suas refeições dentro do cemitério após uma longa jornada de trabalho ao longo da manhã. Ouviu-se e partilhou-se conversas como: *Nós estamos aqui à vontade, podemos fazer tudo, comprar comida ali vir comer aqui, mas se nós te dermos comida tu não vais comer.* (Kelvin, 29 anos).

Num desses dias, um dos nossos contactos do campo que se tornou “amigo”, comprou um sumo de marca “*Fizzy*” e bolinhos ou biscoitos, trouxe-os a nós, mas não aceitámos, pelo que, ele tanto insistiu dizendo: “*leva lá, é fizzy e bolinhos, comprei para ti.*” Retornamos dizendo não obrigado, porque para nós não era confortável comer dentro ou perto do cemitério, o que para os utentes ou visitantes, ficou claro que não tínhamos algo de trabalhador daquele sítio.⁴³

Uma semana depois serviram-nos pão. Aceitámos e comemos dentro do cemitério; isso foi instantes depois de um dos nossos informantes ter dito o seguinte: “*Eu sempre como aqui e nunca fico doente, mas pessoas de fora, basta comerem, hã-de adoecer, isto é a verdadeira e única tropa que eu conheço*” (Tomás, 27 anos).

Entendemos isso como uma consciência e reconhecimento da existência de um potencial perigo à saúde, que é incorporado ou do qual os actores sociais se apropriam, através da crença no “hábito institucionalizado” e da convicção de dureza e destreza, moldadas pela longa experiência e contínua vivência desses processos, o que constitui um dos mecanismos ou estratégias mais fortes para apropriação colectiva de todo perigo ou ameaça inerente ao contacto com morto/morte, e consequente domesticação da morte e do aleatório, por parte destes profissionais.

No contexto analisado reconhece-se que “todo o cuidado é pouco”, e a qualquer momento essa constante exposição aos cadáveres traz efeitos colaterais. Isso pode verificar-se com este tipo de depoimentos, que é comum entre os profissionais funerários: *O coveiro dificilmente adoece, é raro ouvir que coveiro fulano não está a trabalhar porque está doente, você só ouve dizer que o fulano*

⁴³ Levava uma mochila, tinha uma roupa que não assemelha-se ao que ali usa-se para trabalho, e porque as pessoas olhavam muito para mim, era-me constrangedor.

*morreu de repente, isso porque ele já tinha alguma coisa a lhe roer... eu graças a Deus trabalhei 20 anos no cemitério, nunca foi-me diagnosticado tuberculose*⁴⁴

Outro informante narra o seguinte:

Houve muitos casos de contaminação, perdi uma média de 10 ou 12 colegas, só que isso é mantido em segredo; as pessoas nunca dizem, o problema é vala comum, aquela coisa de dizermos que estamos habituados, aquilo não se habitua, quando vamos para lá pegamos os corpos à mão, as contaminações existem, sempre existiram e continuam a ocorrer; conheço quatro casos de cólera, três de doença do século⁴⁵ e dois de meningite; até os próprios médicos são expostos, conheço um médico só que não vou dizer o nome, que ficou contaminado de Lepra (Gabriel, 63 anos).

Conforme referimos anteriormente, a contracção de doenças crónicas, tais como TB, HIV, Lepra e outras patologias como cóleras (que podem ser contraídos através de toque, explosão ou rebento dos corpos muito sofridos), está entre os perigos mais temidos entre os profissionais mortuários, pois, a ideologia biomédica impõe o discurso segundo o qual a contracção dessas doenças é proporcional à exposição insegura e sem protecção por parte dos «operários da morte»⁴⁶ aos cadáveres e à sua rotina em ambiente insalubre (inalação de cheiro de cadáveres e da poeira e posterior consumo de alimentos sem recorrer a mecanismos de higiene apropriados para o equilíbrio da saúde pública).

Não obstante, o discurso médico está em constante confronto contra a ideia colectiva de hábito, que, por sinal, é o elemento-chave para a «normalização profissional da exposição ao perigo» (Granjo,2004:44).

É preciso frisar que, embora estes profissionais estejam sensibilizados e consciencializados a respeito dessas potenciais ameaças, não sabem exactamente quando isso acontece, ou seja, quando eles efectivamente podem contrair doenças, tendo em conta que a sua manifestação não é imediata, e por vezes nunca chegam a mostrar sintomas. Mas, sabe-se que a qualquer momento isso pode causar danos físicos e psicológicos, daí o seu carácter aleatório e incerto.

É nesta ordem de ideias que Granjo (2004:155) argumenta o seguinte: « (...) *um perigo pode existir sem nunca se materializar em perda ou num acidente, ou pode fazê-lo a qualquer instante. Uma das suas características essenciais é exactamente a sua imprevisibilidade e a presença constante da ameaça; em suma, a incerteza e a aleatoriedade que o rodeiam*».

⁴⁴Gabriel 63 anos, agente funerário e antigo coveiro.

⁴⁵ HIV/SIDA, pois ficou comumente conhecida por doença do século por ter sido considerada a maior catástrofe humanitária do século passado (XX).

⁴⁶ Apropriamo-nos da palavra de Caparroz de Souza & Boemer (1998)

Aos perigos mais temidos no grupo analisado, acrescenta-se o medo e/ou receio de se revelar em público a profissão destes trabalhadores (o que fazem ou onde trabalham) em contextos extraprofissionais. Ou seja, há uma espécie de inibição por parte destes profissionais, talvez seja relacionado às questões de crenças que predominam noutros fóruns sociais, sobre trabalho com mortos e a própria morte. Boa parte dos trabalhadores funerários não revela o que fazem, fora dos seus círculos profissionais sob a ameaça de serem constrangidos, rotulados e mal falados por vizinhos. Portanto, fora dos locais de trabalho, procuram manter sua profissão em segredo.

Veja-se os seguintes depoimentos:

Os vizinhos até falam mal quando sabem que você faz este trabalho, mudam dessa atitude quando são eles a precisar da nossa ajuda, porque ninguém quer dormir com corpo em casa. Um colega sentiu-se muito mal, uma certa vez estava numa barraca a tomar, de repente, apareceram uns jovens e um deles mandou duas cervejas para o colega, na nossa mesa neste caso; no fim de tudo, o jovem perguntou ao outro se se lembrava do senhor (do colega); é aquele que nos ajudou no funeral de papá. Ele, muito constrangido, retirou-se da barraca (Matola, 41 anos).

Esta narrativa ilustra um episódio em que se revela, em público, aquilo que para o colega do informante não pode ultrapassar os limites espaço-temporais do exercício das suas actividades, papel que, aparentemente, é assumido quando se está em exercício das funções.

Contratei um jovem para trabalhar na carpintaria. Ele veio lá de Inhambane; depois de um tempo a família chamou-o para ser preparado tradicionalmente, alegadamente porque ele ainda não tinha idade para este trabalho. Eu só aceitei com a condição de ele não voltar mais, as pessoas usam camas e cadeiras feitas de madeira, porque seria alarmante fazer caixão? E o miúdo preferiu ficar. Tratar-se ou purificar-se é perda de tempo, é aquilo que acontece quando sabe que o meu vizinho trabalha na funerária, não vai pedir sal ou alguma coisa, porque vai buscar coisas (espíritos maus), por isso muitos não revelam o que fazem (Humberto, 52 anos).

Na narração acima referenciada, nota-se um cenário que revela, de certa forma, a existência de fóruns nos quais se acredita que o trabalho ligado às questões funerárias é apropriado para pessoas de uma certa idade (adultos), que tenham passado por um dado ritual ou tratamento preparatório, o qual constitui um mecanismo de protecção contra espíritos maus. Porém, na aceção do informante não é aceitável porque se trata de uma perda de tempo, e como uma forma de evitar uma possível marginalização dos vizinhos, não dizem e não querem que se saiba a respeito do que fazem.

No começo era meio vergonhoso, principalmente amigos “spidavam”⁴⁷. Há outros que se riam de mim, mas hoje já estão aqui por verem o fruto do meu trabalho. Outros até me pedem para cuidar de campas dos seus familiares; esta campá (era fim do dia e o informante estava a construir uma campá) que estou a fazer é um trabalho para um vizinho. Mas, quando eu despego⁴⁸, vou tomar banho, troco de roupa, quando saio para casa, ninguém imagina que eu trabalho aqui (Tomás, 27 anos).

Esta narrativa ilustra uma vivência de momentos de ridicularização do trabalho do informante, por parte dos amigos e vizinhos, que posteriormente se juntaram a ele e outros apoiam seu trabalho. E, também, percebe-se a ideia de não querer expor-se como um profissional mortuário, o que por exemplo se pode verificar na seguinte frase: “troco de roupa..., ninguém imagina que eu trabalho aqui”.

Estas posturas podem estar associadas às crenças segundo as quais o contacto com mortos/cadáveres é uma ameaça à estrutura social, porque esses trabalhadores e as suas coisas podem representar para os seus vizinhos um vector de mal-estar na comunidade, ou seja, de espíritos maus, de acordo com as crenças que constam dos estudos de Honwana (2002); Lihaha (2010a) e Granjo (2007).

⁴⁷ Tem origem no termo Spidar, que os jovens usam em contexto informal e tem como significado gozo ou abuso.

⁴⁸ Largar do trabalho.

CAPÍTULO V

5. Considerações Finais

No presente trabalho propusemo-nos a explorar representações, emoções, vivências do contacto quotidiano com os mortos/morte e os perigos que isso encerra entre um grupo de trabalhadores funerários em Maputo. O fenómeno da morte é discutido sob várias perspectivas, entre as quais destacamos, neste trabalho, as seguintes: a Biológica ou organicista, Espiritualista e Socio-antropológica. Ora, a nossa pesquisa, dada a sua qualidade exploratória, orientou-se, principalmente, à luz da perspectiva Socio-antropológica, pelo facto desta permitir olhar para o fenómeno da morte não só como instituição biológica, mas também como instituição social revestida de valores culturais e simbólicos, sendo por isso tratado como um fenómeno biossocial (Morin, 1997; Hertz, 1970).

A nossa pesquisa partiu de um corpo de literatura que reclama a morte como um tabú, um fenómeno que cai no esquecimento do homem, dando lugar ao trabalho e lazer, como fenómeno nefasto e terrível, que mexe negativamente com o estado emocional das pessoas, sendo poluente e perigoso para manutenção e integridade social (Teixeira, {s/d}; Morin, idem.; Kim, 2012).

Entretanto, com objectivo de compreendermos melhor essa ideia segundo a qual a morte e/ou contacto com os mortos ou cadáveres, constitui uma fonte de ameaça à ordem social (Douglas, 1991; Honwana, 2002), ou que a morte é hoje silenciada na vida quotidiana para dar lugar ao prazer, optamos por lançar uma análise exploratória sobre essa temática, tomando como sujeito de estudo, um grupo de trabalhadores funerários da cidade de Maputo, com os quais procurámos entender em que medida o contacto com os mortos/morte constitui uma fonte de perigo e desarmonia social, tendo em conta que estes vivem o ambiente mortuário e estão todos os dias em contacto com cadáveres.

Desta pesquisa exploratória constatamos que os profissionais funerários, enquanto seres humanos, reconhecem e identificam ameaças que são impostas pelo contínuo contacto com cadáveres, das quais podemos destacar: a contracção de emoções e/ou angústia de familiares dos defuntos, a quem estes acompanham em cortejos fúnebres e enterramentos ou funerais. As aqui identificadas se traduzem aos olhos do grupo alvo, em risco de acidentar, para o caso dos motoristas funerários; a contracção de

doenças virais, bacteriológicas e cancerígenas, tais como: Tuberculose, Cóleras, HIV/SIDA e Lepra; a marginalização e estigmatização dos profissionais funerários por parte de seus vizinhos, isto porque são de certa forma vistos como portadores de espíritos maus devido à natureza da sua profissão e crenças comunitárias à volta do mundo mortuário.

Contrariamente aos debates que defendem que, a morte é um tabu que é escondido em metáforas, entre estes profissionais constatámos que pensar, discursar, opinar, explicar e representar a morte é uma prática quotidiana.

Por outro lado, os estudos teóricos que enunciamos ao longo deste relatório, também sugerem que a poluição ou impureza da morte é um mal que é eliminado por meio de uma limpeza purificatória, portanto, o principal mecanismo defensivo contra esse mal. Ao passo que, para o contexto por nós analisado, os actores accionam outros mecanismos sociais para a limitação desse perigo ou ameaça, entre os quais constam, o de ordem imposta pelo discurso biomédico, e o outro, inerente às crenças socioprofissionais adoptadas no contexto, pelo que, não se submetem às limpezas rituais que, segundo autores aqui discutidos, ocorrem em contextos por eles analisados.

Entre esses mecanismos encontramos o seguinte: A institucionalização do hábito e da coragem como uma ideologia defensiva, a longa experiência no tratamento ou acompanhamento dos mortos, a apropriação do perigo no dia-a-dia, como mecanismos de limitação da ameaça ligados às crenças socioprofissionais e, por último, o uso de equipamentos de protecção “apropriados” como luvas, aventais, máscaras e consumo de álcool para estancar o estado emocional imposto pela angústia de familiares dos defuntos e outros acompanhantes, e o consumo de leite para desinfectação do organismo, ligados aos discursos biomédicos.

Essas constatações permitem-nos argumentar que a vivência contínua e prolongada destes trabalhadores no ambiente mortuário, que em determinados contextos é considerado poluente e perigoso (segundo a literatura explorada), no contexto da nossa análise, desempenha um papel preponderante para apropriação, normalização e institucionalização da exposição destes actores sociais aos mortos ou cadáveres. E, sugerem ainda que é sempre preciso repensar as instituições e processos sociais à luz dos pressupostos actuais da Antropologia, que nos permitem olhar para as formas como é vivido um fenómeno universal, em diferentes contextos e lógicas sociais.

Há que reiterar o seguinte: O relatório que aqui apresentamos é resultado de uma pesquisa exploratória,

pelo que, não foi possível através dela cobrir ou aprofundar outros assuntos correlacionados à morte ou contacto com mortos e à gestão das ameaças que envolvem estas instituições. Um tema bastante amplo, podendo sugerir análise sobre a forma como os trabalhadores funerários pensam a morte dos outros como reflexão para a gestão das suas próprias vidas; qual é o pensamento da sociedade sobre profissionais mortuários, uma análise orientada para as dimensões religiosa, moral e económica da morte a partir desses profissionais, contribuiria para a compreensão das atitudes diante da morte em contexto de mudanças dos ritos mortuários nos nossos centros urbanos.

Referências Bibliográficas

- ALMEIDA E PINTO**, João; Augusto **Madureira**. (1975). Teoria e Investigação em Ciências sociais, in: *Análise social*, XI (2º-3º), (nº42-43): 365-445.
- AMARAL**, Manuel G. (1990). *O Povo Yao: Subsídios para o estudo de um povo do noroeste de Moçambique*. Lisboa: MPAT/SECT/IICT.
- BLOCH**, M. & Jonathan **PARRY**. (1982). *Death and the regeneration of life*. Cambridge University Press.
- BLOMMAERT**, Jan; Jie Dong (2010). *Ethnographic fieldwork: a beginner's guide*. Tilburg University.
- BRYANT**, C.D. (2006). *The sociology of death and dying*. Virginia Polytechnic Institute and State University.
- CABRAL**, João de Pina.1984. «A morte na antropologia social», *Análise Social*, v. 20 (2o-3a), no 81-82, 349-356.
- CAPARROZ DE SOUZA**, K. C; Magali Roseira **Boemer**. (1998). O significado do trabalho em funerárias sob a perspectiva do trabalhador.
- CARDOSO DE OLIVIEIRA**, Roberto. (2006) *O trabalho do antropólogo*. São Paulo: Editora UNESP.
- COMBINATO**, D. Stefanoni; Marcos de Souza Queiroz. (2006). Morte: uma visão psicossocial. *Revista de estudos de Psicologia* 11 (2), pp. 209-216.
- DE OLIVEIRA**, Márcio.(2012) O conceito de representações colectivas: uma trajectória da divisão do trabalho às formas elementares. *Debates do NER*, Porto Alegre, ano 13, n. 22 p. 67-94, jul./dez. 2012.
- DE WITTE**, M. (2003). Money and Death: Funeral business in Asante, Gana. *Africa* 73(4) 2003.
- DIAS**, Jorge; Margot Dias. (1970). “ Vida Social e ritual” in: *Os Macondes de Moçambique*. Tomo III. Lisboa: JIU-CEAC. pp. 268-280.
- DO NASCIMENTO**, M. Alexandro; António **Roazzi** (2007). Estrutura de representação social da morte na interface com as religiosidades em equipas multiprofissionais de Saúde. *Psicologia: reflexão e crítica*, 20 (3),435-443.
- DOUGLAS**, Mary. (1991). *Pureza e Perigo: Ensaio sobre a noção de poluição e tabu*. Lisboa: edições 70.

- DUNCAN, W.N.;** Andrew K. **Balkansky** et al.(2008). Human cremation in Mexico 3000 years ago. National academy of sciences. Vol. 105, (April.8.2008) pp.5315-5320.
- GIACOIA JÚNIOR, Oswaldo.** (2005). A visão da morte ao longo do tempo. Medicina (Ribeirão Preto) 38 (1): 13-19. São Paulo:IIFCH-UNICAMP.
- GIUSTINIANI, Pasquale.** (1993). O Homem: Fascínio e Desafio. Lisboa: Edições Paulistas.
- GRANJO, Paulo.** (2004). “Trabalhamos sobre um barril de pólvora” Homens e Perigo na refinaria de sines. Lisboa: ICS-UL.
- GRANJO, Paulo.** (2007). “Limpeza ritual e reintegração pós-guerra em Moçambique”,in: Análise Social, Vol. XLII (182), 2007, 123-144.
- GUBER, Rosana.** (2001), La Etnografia: Método, campo y reflexividad. Bogotá: Grupo editorial norma.
- HERTZ, Robert.** (1970). «Contribution à une étude sur la représentation collective de la mort», In Sociologie Religieuse et Folklore. Paris: Presses Universitaires de France, 1-83.
- HONWANA, Alcinda Manuel.** (2002). Espíritos vivos, Tradições modernas: Possessão de espíritos e reintegração social pós-guerra no sul de Moçambique. Maputo: PROMÉDIA.
- JUNOD, A. Henri.** (1996) [1912]. Usos e Costumes dos Bantu, Tomo I. Maputo: Arquivo Histórico de Moçambique.
- KIM, Hyunchul.** (2012). The purification process of death: mortuary rites in a Japanese rural town. Asian ethnology. University of Edimburg: Institute for religion and culture vol.71, n.2. pp .225-257.
- KOVÁCS, Maria Júlia.** (2008). Educação para a morte. Temas e Reflexões.
- LEACH, Edmund R.** (1982) “O meu tipo de Antropologia” in: A diversidade da antropologia. Lisboa: Edições 70.
- LIHAHE, Danúbio.** (2004). Vidas sobre carris: apropriações socioprofissionais do perigo entre os maquinistas no sul de Moçambique. Tese de Licenciatura, Maputo: Universidade Eduardo Mondlane.
- LIHAHE, Danúbio.** (2010a). A indizível cor da dor: Morte, sofrimento e reintegração em Maputo. [Dissertação de Mestrado] Lisboa: ICS-UL.
- LIHAHE, Danúbio.** (2010b). Sob o rumo do rodado de ferro: percursos, auto-identificações e crenças socioprofissionais entre os maquinistas moçambicanos, In: GRASSI, Marzia (org.) (2010). PALOP: Investigação em debate. Lisboa: ICS-UL.
- LIMA, Jorge Luíz.** {s/d} Morte e Morrer: a importância do estudo da morte para profissionais de

- enfermagem. Disponível em www.professores.uff.br/jorge/morte.pdf consultado em 09/04/2013 10:30.
- MALINOWSKI**, Bronislaw. (1978) “Introdução” Argonautas do pacífico Ocidental, São Paulo: Edições Abril.
- MARTINEZ**, F. Lerma. (1989). O povo macua e a sua cultura. Lisboa: Ministério da Educação/IICT. pp. 207-222.
- MCFARLAND**, Elaine (2008). Working with death: An oral history of funeral directing in late twentieth century Scotland. Glasgow: University of Glasgow.
- MINAYO**, Mária Cecília de Souza; Odecio **Sanches**. (1993) Quantitativo-Qualitativo: Oposição ou Complementaridade? Caderno Saúde Pública, Rio de Janeiro, 9 (3): 239-262, jul/set, 1993..
- MORIN**, Edgar. (1997)[1970]. O Homem e a morte. Rio de Janeiro: IMAGO.
- MOSCOVICI**, Serge. (1978). A representação social da psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar.
- PEIRANO**, Mariza. (1992) A Favor da etnografia. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- RABELO**, Marta Klumb O. (2006) Um olhar fenomenológico sobre a morte na sociedade ocidental Outras Palavras: Revista científica da ESPAM. Brasília. 3, p. 71-84, jul.2006.
- RAMOS**, Manuel João. (1987). Morte: Categoria lógica no pensamento simbólico. Psicologia (2): 163-166. Lisboa: Associação portuguesa de psicologia.
- REGO**, Arménio; Cláudia **Fernandes**. (2001) Inteligência emocional: Contributos adicionais para a validação de um instrumento de medida. Aveiro: Universidade de Aveiro.
- SÊGA**. Rafael A. (2000). O conceito de representação social nas obras de Denise Jodelet e Serge Moscovici. Anos 90, n.13, julho de 2000. Porto Alegre.pp.128-133.
- SPINK**, Mary Jane P. (1993) O Conceito de Representação Social na Abordagem Psicossocial. Caderno de Saúde Pública, Rio de Janeiro, 9 (3): 300-308, jul/sep, 1993.
- STEINPACH**, Richard. (1993). Por que vivemos após a Morte, 2ª edição. Stuttgart: Stiftung Gralsbotschaft.
- TEIXEIRA**, Cícero Marcos. (s/d). Morte e Significado. Disponível online: www.espirito.org.br/portal/.../morte-e-significado.html consultado em 07/04/2013 17h00.
- VAN GENNEP**, Arnold. (2011) Os ritos de passagem, 3ª edição. Petrópolis: Editora Vozes.